

---

**O CORPO E O PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE**

**THE BODY AND THE PROCESS OF SUBJECTIVATION IN CONTEMPORANEITY**

Gabriela Pereira Sanches<sup>1</sup>

Marco Correa Leite<sup>2</sup>

**RESUMO**

Cada vez mais é possível notar que o corpo vem ocupando espaço central no cenário contemporâneo. Essa idolatria do corpo tem como ponto de referência o padrão fabricado e imposto pela indústria cultural, midiática e do espetáculo. Tendo isso como ponto de partida e levando em conta o processo de formação do Eu sob a ótica da psicanálise, o presente artigo busca fazer pensar a respeito de como essa exigência de adequação a um ideal propositalmente inatingível atravessa o processo de construção e manutenção da subjetividade dos integrantes de nossa sociedade contemporânea. Para isso recorreremos a uma revisão bibliográfica de Freud à Lacan acerca do conceito de corpo e como este está intimamente relacionado com duas instâncias de extrema importância para a constituição do sujeito. Contudo, é importante dizer que quando se fala de corpo e da posição a que ele é destinado, não se trata apenas de uma questão estética, mas também do processo de construção da subjetividade. Pudemos concluir que, passando o corpo à categoria de objeto de consumo, resta ao sujeito uma crise em relação à sua subjetividade, quando se vê imerso a essa produção em massa de formas de existência.

192

**Palavras-chave:** Subjetividade. Corpo. Contemporaneidade. Indústria cultural.

**ABSTRACT**

It is increasingly possible to note that the body has been occupying central space in the contemporary setting. This idolatry of the body has as reference the manufactured pattern and imposed by the cultural industry, media and spectacle. Taking this as a starting point and considering the process of the formation of the "Ego" in the point of view of psychoanalysis, this article intent to make people think about how this demand for adequacy to a purposely unattainable ideal goes through the process of construction and maintenance of subjectivity of the members of our contemporary society. For this study we resort to a bibliographical revision from

---

<sup>1</sup> Analista Membro e Sócia Fundadora do Instituto Lalangue – Clínica e Transmissão em Psicanálise, Psicóloga graduada pela UEL, Especialista em Psicoterapia Psicanalítica pela UniFil. E-mail: psi.gabrielasanches@gmail.com

<sup>2</sup> Docente do programa de pós-graduação em Psicoterapia Psicanalítica. Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Analista no Instituto Lalangue Londrina. mclmarco@hotmail.com

Freud to Lacan on the concept of body and how it is closely related to two instances of extreme importance for the constitution of the self-subject. However, it is important to say that when we talk about body and the position to which it is destined, is not only an aesthetic question, but also the process of constructing subjectivity. We can conclude that by passing the body to the category of consumption object, the person remains a crisis in relation to his self-subjectivity, when he is immersed in this mass production of forms of existence.

**Keywords:** Body. Subjectivity. Contemporaneity.

## INTRODUÇÃO

A idolatria e culto ao corpo vêm se acentuando na atualidade, o que impacta diretamente os processos de subjetivação. O corpo passou, cada vez mais, a ocupar o lugar de mercadoria, sendo atrelado à noção de consumo pois, assim como Bauman (1925/2008) nos diz, “os membros da sociedade de consumidores são eles próprios mercadorias de consumo” (BAUMAN, 1925/2008, p.76). É imposta aos corpos a obrigatoriedade de se ajustar à imagem fabricada e vendida pela mídia, com a promessa de que essa adequação implicaria no alcance da almejada felicidade e na sensação de pertencimento, pautando-se no pavor da inadequação que permeia o sujeito. Todavia, a noção do corpo enquanto mercadoria não surge senão atrelada a diversas ferramentas necessárias para que se atinja tal ideal, desde a compra de programas e aplicativos de photoshop até a realização de procedimentos estéticos e cirurgias plásticas. No final das contas, só não se adequa quem “não quer”, compreendendo aqui que não se trata de um mero querer, mas sim da posse de inúmeros privilégios necessários para tal busca que, ainda assim, se baseia na impossibilidade de alcançar o que se vende em sua completude.

Conseqüentemente, esse movimento promovido, principalmente, pela indústria cultural e midiática (sociedade do espetáculo), alimenta o mal-estar contemporâneo que paira sobre essa questão, o que acaba por produzir sintomas associados a culpa, angústia e desamparo cada vez mais recorrentes na clínica e intimamente ligados à insatisfação corpórea e busca desenfreada por adequação ou, melhor dizendo, pelo ideal de perfeição vendido por uma indústria baseada em um ideal impossível de ser atingido.

Entretanto, tal busca parece também estar amparada no sentimento de que não há mais tempo a perder, pois a conta, assim como o tempo, venceu, está sendo cobrada e é preciso pagá-la o quanto antes. A respeito do momento social que nos encontramos, Bauman (1925/1998,) fala que “socialmente, a modernidade trata de padrões, esperança e culpa. Padrões – que acenam, fascinam ou incitam, mas sempre se estendendo, sempre um ou dois passos à frente dos perseguidores” (BAUMAN 1925/1998, p.91). Além disso, o autor também nos dirá que,

Psiquicamente, a modernidade trata da identidade: da verdade de a existência ainda não se dar aqui, ser uma tarefa, uma missão, uma responsabilidade. Como o restante dos padrões, a identidade permanece obstinadamente à frente: é preciso correr esbaforidamente para alcançá-la [...] Preipitar-se para a frente, em direção à identidade perpetuamente tentadora e perpetuamente inconsumada, assemelha-se a recuar da defeituosa e ilegítima realidade do presente. (BAUMAN, 1925/1998, p.91).

Dessa forma, Bauman (1925/2008) reforça a ideia de que a insatisfação permanente é o que faz com que a sociedade de consumo não pare de funcionar, da mesma forma que o sentimento de mal-estar constante seja uma das engrenagens mais importantes desta forma de produção de subjetividades.

194

Todavia, é preciso considerar que a preocupação com o corpo, sua forma e a necessidade de que fosse moldado para se adequar ao conceito de belo se fez, faz e continuará fazendo, presente em diversos momentos da história. É fato que toda estrutura e organização social estabelecem uma noção de beleza, uma padronização desse ideal, e que se altera de tempos em tempos, assim como de cultura para cultura. Outro ponto importante a ser pensado é que a cultura contemporânea tem como característica a grande velocidade da mudança de padrões, surgindo, também, novas formas de adoecimento. Sant’Anna (2001), colocando em foco o corpo das mulheres, vai falar sobre essas constantes alterações no modo como os ideais de corpo nos são apresentados pela mídia ao longo da história:

Pernas juntas, vestidos compridos, cabelos seguros por grampos e laquê, seios dentro do sutiã de bojo, ventre comprimido por “cinturinha”: até meados da década de 1950, é comum encontrar esse tipo de corpo feminino nas revistas brasileiras. Não demorará muito, contudo para que nele seja apontado um excesso de rigidez, uma artificialidade intolerável para os emergentes brotinhos, novas candidatas à aquisição de liberdade corporal e autenticidade dos sentimentos. (SANT’ANNA, 2001, p. 65-66).

Entretanto, essa variação do que seria considerado o ideal de beleza de acordo com as diversas culturas existentes, parece estar dando lugar a um padrão global, no qual, mais especificamente, percebemos uma tentativa de reprodução dos padrões estéticos ocidentais. Tal globalização desse ideal de belo produz efeitos/sintomas sobre os sujeitos, sua subjetividade e relação com seus corpos ou, de outro modo, essa globalização de um padrão fabricado, produz também o adoecimento do sujeito violentamente atravessado por essa questão. Contudo, é importante que digamos que os padrões são norteadores da cultura. O problema maior talvez não seja o padrão em si mesmo, mas a forma como tem se dado a relação entre o Eu e o Ideal. Talvez possamos articular a questão da Indústria Cultura neste aspecto. Produzir um ideal e vender um real. O que se produz é uma ideia, o que se compra é apenas um simulacro desta ideia, por isso o consumismo se fortalece, pois nunca se consome o ideal, nunca se chega onde se imagina um final feliz.

Pretendemos com esse artigo de revisão bibliográfica, abordar brevemente o tema do corpo dentro da psicanálise, através da revisão de conceitos como “narcisismo”, “Eu Ideal” e “Ideal do Eu”. Para que, então, seja possível trabalhar as noções do corpo enquanto um objeto, mercadoria de consumo, articulado com as transformações no processo de construção da subjetividade nos dias atuais.

195

## **CORPO E PSICANÁLISE: O PROCESSO DA FORMAÇÃO DO EU**

Quando pensamos em situar e articular o corpo na psicanálise, podemos dizer que isso se deu através dos trabalhos iniciais de Freud com os quadros de histeria, nos quais o corpo biológico, anatômico, era atravessado e padecia por aquilo que Freud denominou de inconsciente. Foi, também, nesse momento, através da escuta de suas pacientes, que Freud se deu conta de que era possível que a fala produzisse efeito nesses corpos histéricos. Segundo Neto (2008), o “fenômeno da conversão histérica, inaugura a distinção entre o corpo biológico e o corpo psicanalítico” (NETO, 2008, p.2),

Enquanto o corpo biológico obedece às leis da distribuição anatômica dos órgãos e dos sistemas funcionais, constituindo um todo em funcionamento, isto é um organismo, o corpo psicanalítico obedece às leis do desejo inconsciente constituindo um todo em funcionamento coerente com a

história do sujeito. Por meio da linguagem do corpo Freud descobre o inconsciente. Neste sentido, o corpo aparece para a psicanálise, no momento em que Freud se dá conta do inconsciente. O Inconsciente e o corpo psicanalítico surgem simultaneamente. (NETO, 2008, p. 2).

Dessa forma, é possível falarmos que o corpo e a o conceito de imagem corporal possuem, respectivamente, papel importante na origem do psiquismo e na formação da identidade do sujeito. Freud (1923/2011) vai nos dizer que “o Eu é sobretudo corporal, não é apenas uma entidade superficial, mas ele mesmo a projeção de uma superfície” (Freud, 1923/2011, p.32). A partir dessa fala de Freud, podemos pensar que é necessário tratar aqui a respeito dos conceitos de narcisismo, trabalhado por Freud em “Sobre o Narcisismo: uma introdução” (1914) e a formação do Eu em “O Eu e o Id” (1923), posteriormente retomados por Lacan em “O estágio do espelho como formador da função do eu” (1949).

Quando se fala a respeito do narcisismo, comumente, o termo é associado à uma questão patológica. Entretanto não se trata disso o que propomos apresentar aqui, já que os traços narcísicos são fundamentais para a constituição do sujeito contanto que os estágios do narcisismo estejam presentes e ocorram de forma a possibilitar a construção da individualidade do sujeito. O conceito de narcisismo, para a psicanálise, está relacionado com a emergência, a origem do Eu, visto que essa unidade precisa ser desenvolvida e construída, sendo através do narcisismo que isso se faz possível.

O narcisismo seria uma experiência situada entre um momento inicial, que Freud chama de autoerotismo, no qual as pulsões tendem à busca por uma livre satisfação, e outro momento de amor objetal, no qual o sujeito pode amar e escolher o outro tentando formar uma totalidade. A essa articulação entre o narcisismo e o autoerotismo, Freud (1914) corrobora com o que foi apontado acima dizendo que:

É uma suposição necessária, a de que uma unidade comparável ao Eu não existe desde o começo no indivíduo; o Eu tem que ser desenvolvido. Mas os instintos autoeróticos são primordiais; então deve haver algo que se acrescenta ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para que se forme o narcisismo. (FREUD, 1914/2010, p.13)

Freud (1914) nos dirá ainda que a libido pode ser investida no Eu (libido narcísica) ou nos objetos (libido objetal), sendo que durante a infância, a etapa que

antecederia a formação do Eu seria caracterizada pela ausência de relações objetais.

Podemos observar, através das obras de Freud, dois momentos do narcisismo. No primeiro deles, a libido do bebê seria toda investida em seu próprio corpo, ou seja, o bebê tomaria a si mesmo enquanto objeto sexual, ainda não sendo possível a existência de relações com objetos externos, como já foi dito. Seria o momento em que toda atenção e projeção são voltadas para o bebê que se torna, por assim dizer, o centro do mundo das pessoas que o circundam, especificamente, da mãe. Freud também acrescenta que esse narcisismo seria uma herança do ideal narcísico dos próprios pais e que só iria se manter por conta do amor dos pais pelo bebê:

Os pais são levados a atribuir à criança todas as perfeições — que um observador neutro nelas não encontraria — e a ocultar e esquecer todos os defeitos, algo que se relaciona, aliás, com a negação da sexualidade infantil [...] O amor dos pais, comovente e no fundo tão infantil, não é outra coisa senão o narcisismo dos pais renascido, que na sua transformação em amor objetual revela inconfundivelmente a sua natureza de outrora. (FREUD, 1914/2010, p.25-26)

197

Todavia, é necessário que a criança passe para o segundo momento, rompa com essa noção de onipotência criada e sustentada pelos pais até então, visto que apenas realizando essa passagem haverá espaço para a construção e surgimento de um sujeito, do Eu. Essa passagem se dá pela via da castração, ou seja, à medida que a criança vai se dando conta de que ela não é capaz de suprir todas as necessidades da mãe, assim como transpor as exigências do mundo a sua volta. A respeito disso, Nasio (1988/1997) nos fala:

[...] exigências estas que se traduzem simbolicamente através da linguagem. A mãe fala com ela, mas também se dirige a outras pessoas. Assim, o filho percebe que ela também deseja fora dele e que ele não é tudo para ela: essa é a ferida infligida ao narcisismo primário da criança. A partir daí o objetivo consistirá em fazer-se amar pelo outro, em agradá-lo para reconquistar seu amor; mas isso só pode ser feito através da satisfação de certas exigências, as do *ideal do eu*. (NASIO, 1988/1997 p.51)

Posteriormente aos trabalhos de Freud sobre o narcisismo e partindo do pressuposto de que o narcisismo diz respeito a uma relação com a imagem, ele poderia ser entendido, para Lacan (1949) em seu texto “O estádio do espelho como formador da função do eu”, como uma nova identificação que deriva da mudança de relação com a imagem. Amparo, Magalhaes e Chatelard (2013), nos dizem que o

estádio do espelho “é uma tentativa de explicitar em que se constitui essa nova ação psíquica apontada por Freud” (p.506). O estágio do espelho assume, então, essa perspectiva freudiana de que o Eu há que ser constituído, propondo que esse estágio seria um conjunto de tempos que resultam na distinção entre o outro e o Eu, ou seja, no nascimento do Eu. Seria a experiência, através da qual ocorre uma demarcação dos limites do nosso corpo em relação aos outros corpos, assim como se estabelece a nossa sensação de identidade. Todavia, Lacan (1949) nos apresenta a formulação de que o Eu e essa sensação de identidade, não se constituem a partir de um amadurecimento meramente biológico, mas sim através de tempos de identificação:

[...] o estágio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica – e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental. (LACAN, 1949/1998, p. 100)

198

Durante a experiência do estágio do espelho, fica claro que o Eu seria resultado de uma relação, e que sua formação se daria em três tempos. No primeiro deles, o Infans, olha para o espelho, mas não o distingue dos outros objetos que estão ao seu redor, ele seria apenas uma coisa a mais presente e ocupando aquele espaço. O segundo tempo seria caracterizado pela dúvida e pelo surgimento de algo no espelho. Do ponto de vista da criança, o que surge no espelho seria uma outra criança, há o surgimento de um corpo diante do corpo da criança que, por sua vez, ainda não se encontra demarcado para ela mesma. Nesse tempo não há o reconhecimento, do ponto de vista da criança, de que aquela imagem no espelho é seu próprio reflexo e, muito menos, de que é uma imagem, porque o que surge é tomado como uma realidade, um corpo outro.

No terceiro tempo, por sua vez, ocorre uma simbolização da relação com a imagem, ou seja, o Eu irá surgir como reconhecimento de que aquela imagem simboliza o que seria o próprio Eu. Entretanto, o conhecimento que a criança terá de si própria no espelho será sustentado pelo reconhecimento do Outro, uma pessoa, a mãe, que se encontra fora do espelho, no ambiente e que reconhecerá ser aquela imagem, o reflexo da própria criança. Lacan faz essa analogia do estágio do espelho

para explicitar a necessidade de que haja uma autorização externa que certifique e confirme a existência da criança nessa experiência.

Sendo assim, é através do olhar e autorização do Outro, que emerge o sujeito. A respeito desse processo de reconhecimento pela criança da imagem que surge no espelho, Câmara (2010) nos fala que:

A partir daí, não há ainda uma subjetividade, mas um esboço do Eu, dessa unidade. Mas, para que este estágio seja ultrapassado pela criança, faz-se necessário o testemunho da mãe, pois é ela quem lhe libidiniza o corpo e o integra numa unidade ortopédica. O processo do espelho precisa ser dialetizado. A mãe, que domina o simbólico, precisa reconhecer e nomear o corpo do filho. Só assim ele reconhecerá aquela imagem do espelho como sua imagem, e poderá, então, viver a experiência de individuação de seu ser no mundo, individuação do sujeito criança. (CÂMARA, 2010, p.22).

Lacan (1964/2008) fala, nesse terceiro tempo do estágio do espelho, que “[...] o sujeito vê aparecer, não seu ideal do eu, mas seu eu ideal, esse ponto em que ele deseja comprazer-se a si mesmo” (LACAN, 1964/2008, p. 249). Podemos dizer, então que este Eu ideal estaria relacionado ao narcisismo primário do sujeito, no qual a ele cabe a completa perfeição, crença essa que, como já dito acima, seria um produto, reflexo do narcisismo dos pais. Este Eu ideal, faz com que o sujeito acredite que ele, aqui na posição de objeto, tampona a palavra do Outro/mãe. Todavia, a criança, assim como já dito acima, vai percebendo que essa posição não se faz possível, de que ela não seria suficiente para o atendimento das necessidades da mãe. Assim, pela via da castração, uma outra instância começa também a se constituir, podendo ser nomeada como ideal do Eu, através da qual o sujeito iniciará uma constante e infundável busca em tentar satisfazer o desejo e expectativas do Outro, procurando retornar àquele ideal no qual a criança supunha ser única e suficiente em relação à completa satisfação do desejo da mãe.

É preciso que fique clara esta relação primitiva entre corpo, ideal e o fazer-se objeto para o olhar do outro. Veremos a seguir o corpo mercadoria, corpo este que só é possível se inscrever desta forma na sociedade contemporânea se, e somente se, há um alicerce prévio, há uma falha primeva na formação subjetiva dos indivíduos.

## **A CRISE DA SUBJETIVIDADE NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO**



Partindo do que foi dito acima acerca das instâncias do Eu ideal e Ideal do Eu, articularemos os efeitos que a sociedade contemporânea exerce nos modos de subjetivação. Teremos como ponto de referência a imagem, o padrão estético produzido e comercializado aos sujeitos tendo como regra sua adequação a esse ideal propositalmente inatingível, visto que a imagem, hoje mais do que nunca, ocupa uma posição central na constituição e manutenção do processo de subjetivação e sentimento de pertencimento do sujeito. É importante dizer que a indústria cultural e midiática, sob essa ótica, ocuparia a posição do “líder”, figura proposta por Freud em seu texto “Psicologia das massas e análise do Eu” (1921).

Corroborando com o que foi exposto acima, Adorno e Horkheimer (1947/2006), nos dirão que “a indústria cultural tem a tendência de se transformar num conjunto de proposições protocolares e, por isso mesmo, no profeta irrefutável da ordem existente” (ADORNO; HORKHEIMER, 1947/2006, p.122). Esse “profeta” teria o mesmo papel que o “líder” proposto por Freud em seu texto já acima citado. Sendo assim, é possível dizer, então, que o ambos seriam uma substituição do conceito de ideal do Eu. Sob essa ótica, o sujeito estaria sempre em busca de satisfazer as demandas e expectativas impostas por essa indústria pois, assim como em sua experiência inicial, ao se deparar com a impossibilidade de satisfazer totalmente as necessidades do Outro inicialmente encarnado na figura materna, o sujeito cairia em uma infundável busca pelo retorno ao estado de satisfação em que acreditava tamponar e corresponder por completo e sem qualquer espaço para dúvidas, a demanda desse Outro. Em outras palavras, mais do que oferecer imagens e ideais, a indústria cultural oferece uma ilusão de plenitude.

Entretanto, nessa busca por satisfação, o sujeito abre mão da sua singularidade, passando a fazer parte de uma espécie de produção em massa, porém, onde seu próprio corpo e subjetividade adquirem o status de mercadoria. Acerca dessa perda da individualidade do sujeito, Adorno e Horkheimer (1947/2006) afirmam que “na indústria, o indivíduo é ilusório não apenas por causa da padronização do modo de produção. Ele só é tolerado na medida em que sua identidade incondicional com o universal está fora de questão” (ADORNO; HORKHEIMER, 1947/2006, p.128). Freud (1921), em relação a essa articulação entre o individual e o social vai nos dizer que,

Quando se fala de psicologia social ou de massas, existe o hábito de abstrair dessas relações, e isolar como objeto de investigação a influência que um grande número de pessoas exerce simultaneamente sobre o indivíduo, pessoas às quais ele se acha ligado de algum modo [...] Portanto, a psicologia de massas trata o ser individual como membro de uma tribo, um povo, uma casta, uma classe, uma instituição, ou como parte de uma aglomeração que se organiza como massa em determinado momento, para um certo fim. (FREUD, 1921/2011, p.15).

Freud (1921) seguirá dizendo que não há constância nessa massa, que segundo ele, Le Bon nomeou como “massa psicológica”. Ela se trata de algo mutável de tempos em tempos e, trazendo isso para a contemporaneidade, podemos facilmente perceber o quanto a demanda social comandada pela indústria cultural e de consumo, no que diz respeito à adequação de padrões, muda a cada curto espaço de tempo, deixando o sujeito com uma sensação, e essa sim constante, de ficar sempre para trás, de nunca ser capaz de alcançar aquele novo ideal, pois ainda está trabalhando para que consiga se fazer caber no que, até ontem, era o que lhe era exigido. Freud (1921/2011) diz ainda que “na massa, acredita Le Bon, as aquisições próprias dos indivíduos se desvanecem, e com isso desaparece suas particularidades” (FREUD, 1921/2011, p.19).

201

Por conseguinte, começa a ficar mais claro que, quando no campo do social, o indivíduo se encontra em meio a uma confusão com relação ao processo de construção de sua subjetividade e individualidade, visto que não há muito espaço para diferenças. Desse modo, a massa, por ser “extraordinariamente influenciável e crédula” (FREUD, 1921/2011, p. 25), torna-se alvo fácil para uma indústria cultural e midiática especializada na fabricação de ilusões, até porque, “embora deseje as coisas apaixonadamente, nunca o faz por muito tempo, é incapaz de uma vontade persistente. Não tolera qualquer demora entre o seu desejo e a realização dele” (FREUD 1921/2011, p. 25). Ora, se a indústria de consumo tem como objetivo produzir insatisfação e, ao mesmo tempo, dar uma solução ilusória para tal, prometendo a satisfação de um desejo por ela mesma fabricado, não teria como o sujeito, imerso no social, recusar essa promessa. A ele resta a procura incessante, marcada por um ciclo de busca de satisfação para obter adequação e, quando não alcançada, recair em um processo de frustração e culpa, que dará início a um novo ciclo.

É possível dizer que hoje o próprio indivíduo e seu corpo passaram a ocupar a posição de mercadoria e objeto de consumo em um processo de produção em massa não apenas de corpos, mas também de subjetividades. Costa (1944/2005) nos diz que “o único item do mundo ‘exclusivo’ à disposição do indivíduo comum é a imagem do corpo. Possuir um corpo como o dos bem-sucedidos é a maneira que a maioria encontrou de acender imaginariamente a uma condição social [...]” (COSTA, 1944/2005, p.166). Em tempos atuais, nos quais as mídias sociais quebram cada vez mais os limites entre vida privada e vida pública, a indústria cultural e do espetáculo efetuou astutamente a migração de seu espaço de vendas e exibição de seus produtos, onde os mesmos encontram-se, majoritariamente, atrelados à imagem, aos corpos tendo a noção de belo e perfeição como requisitos para a felicidade. Entretanto, ainda segundo Costa (1944/2005), o sentido do estado de felicidade sofreu alterações para que fosse possível atender ainda mais às necessidades do mercado. Sendo assim, o psicanalista e escritor afirma que,

Assim, a corrida pela posse do corpo midiático, o *corpo-espetáculo*, desviou a atenção do sujeito da vida sentimental para a vida física. [...] Estar feliz não se resume mais a se sentir sentimentalmente repleto. Agora é preciso também sentir-se corporalmente semelhante aos “vencedores”, aos “visíveis”, aos astros e estrelas midiáticos. (COSTA, 1944/2005, p. 166).

202

Desse modo, é imperativo ter uma imagem que se enquadre com perfeição e extrema rapidez aos critérios impostos pela indústria. E mais, a confirmação dessa adequação é feita, em grande parte, através do olhar do outro. É preciso que um outro assegure ao sujeito a todo o momento de que ele atende a esse padrão de imagem idealizada. Seria como se o olhar do outro, assim como sua aprovação, definissem quem o sujeito é, passando a haver uma dependência desse olhar. Talvez seja aqui que comece a ficar mais claro o processo de alienação do sujeito quanto a si próprio, visto que de acordo com Debbord (1967), citado por Zorzan e Chagas (2011),

A alienação do espectador em favor do objeto contemplado (o que resulta de sua própria atividade inconsciente) se expressa assim: quanto mais ele contempla, menos vive; quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo. Em relação ao homem que age, a exterioridade do espetáculo aparece no fato de seus próprios gestos já não serem seus, mas de um outro que os representa por ele. É por isso que o espectador não se sente em casa em lugar algum, pois o espetáculo está em toda parte. (DEBBORD, 1967, p. 24 apud ZORZAN; CHAGAS, 2011, p.177).

Sendo assim, o sujeito passaria a entrar em crise em relação à sua subjetividade, pois, uma vez alienado ao desejo do outro, não é capaz de reconhecer seu próprio desejo, sua posição de sujeito desejante, visto que este se encontra abafado pelo desejo “sintético” da indústria. Não sabe mais dizer de si sem que um outro o autorize, quase que completamente, para tal. Seria como uma espécie de teste de qualidade, com o complicador de que aqui o teste se dá em cima da constituição do sujeito, ao mesmo tempo em que exclui a possibilidade de participação do mesmo, visto que o olhar do outro é que o reconhecerá e lhe concederá (ou não) aprovação. Todavia é importante que fique claro, mais uma vez, que o sujeito sempre estará imerso em uma cultura e que sua existência e construção de uma identidade só se faz possível nessa configuração.

O que tentamos apontar aqui é que contemporaneamente, parece haver uma diluição do sujeito em meio ao imperativo da indústria cultural, como se não fosse possível que um equilíbrio mínimo ocorresse entre a sua identidade/desejo e o atendimento da demanda de uma identidade fabricada em massa. É preciso que se diga que, para além da impossibilidade de adequação completa a esse padrão por questões sólidas de diversidade de cores, formas e tamanhos de corpos, o desejo é algo extremamente subjetivo e particular. Kehl (2015) nos diz que na sociedade atual, o sujeito encontra-se cada vez mais desacostumado à subjetividade, visto que

203

E quanto mais o indivíduo, convocado a responder como consumidor e espectador, perde o norte de suas produções subjetivas singulares, mais a indústria lhe devolve uma subjetividade reificada, produzida em série, espetacularizada. Esta subjetividade industrializada ele consome avidamente, de modo a preencher o vazio da vida interior da qual ele abriu mão por força da segurança”, que é a paixão de pertencer à massa, identificar-se com ela nos termos propostos pelo espetáculo. (KEHL, 2015, p.77-78).

É nesse momento que, talvez, comece a emergir uma crise da subjetividade, seja diante da impossibilidade do sujeito de atingir a imagem, propositalmente inatingível em sua completude, em busca de adequação, seja de talvez entrar em um processo confuso entre o que deseja e o que lhe é colocado como o que deve desejar. A partir do momento em que o sujeito se vê obrigado a se enquadrar e cumprir as regras impostas a ele como forma de existir, tendo a imagem como ponto

de partida, é inevitável pensar que ocorra uma espécie de quebra, uma rachadura, em sua subjetividade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo do que expusemos nesse breve artigo, foi possível observar que o corpo está para além de algo físico/biológico no que diz respeito à psicanálise. É fato que o corpo foi foco no surgimento da psicanálise através dos estudos de Freud com as histéricas e que ele está intimamente ligado ao processo de formação do Eu. Vimos que através do estágio do espelho emerge um sujeito por meio da identificação da imagem refletida no espelho e reconhecida pelo Outro durante esse processo. Para, além disso, à medida que os momentos do estágio se sucedem, um sujeito desejante surge. Sujeito este que passará sua vida tentando equilibrar seu desejo de retorno à instância do Eu ideal, enquanto, frente a essa impossibilidade, passará a buscar, tendo como ponto de partida o ideal do Eu, ser capaz de atender a demanda de amor exigida pelo Outro.

204

Partindo do pressuposto que o social, mais especificamente a indústria cultural e midiática, ocupa a posição desse Outro a que nos referimos no presente artigo, tendo como foco a questão da imagem idealizada imposta como padrão de belo, o sujeito passaria então por uma constante e infundável busca em responder ao desejo fabricado por essa indústria. Contudo esse desejo, propositalmente, se apresenta de forma a nunca ser atendido em sua completude, visto a velocidade com que tais requisitos se modificam, justamente para impedir que o sujeito experiencie o sentimento tão almejado de adequação.

Desse modo, nessa busca por pertencimento, aceitação, amor, se produzem inúmeras tentativas falidas de atender às demandas fabricadas e o sujeito se vê escravo de regras amparadas em falsas promessas (embora bastante convincentes). É aqui que podemos dizer que a subjetividade, algo tão singular, e por isso incompatível com uma produção em massa de desejos, entra em um processo de crise crescente.

Como seria possível a manutenção da subjetividade em um momento em que o sujeito, pela via do espetáculo, abre mão da mesma em prol de responder ao desejo do Outro? Além da constante necessidade de reconhecimento de sua

existência através do olhar desse Outro, que passa ser o único norteador de sua identidade. A resposta a essa pergunta ainda nos parece nebulosa, embora sejamos capazes, de apostar que tal manutenção não se faria possível quando da imersão completa do sujeito nesse sistema de fabricação constante de desejos. Ora, o sujeito, ávido por atendê-los, apenas recai em tornar-se um excelente atendente de demandas, não havendo espaço para, de fato, ser um sujeito desejante. E muito menos tempo, dada a velocidade exigida pelo sistema, para que seja capaz de se haver com sua subjetividade, visto que, como já dito, encontra-se desacostumado com a mesma em tempos contemporâneos.

## REFERÊNCIAS

205

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. 223 p.

AMPARO, D. M.; MAGALHAES, A. C. R.; CHATELARD, D. S. O corpo: identificações e imagem. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 13, n. 3-4, p. 499-520, dez. 2013. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482013000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482013000200003&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 14 jun. 2018.

BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-estar da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. 272 p.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para Consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 199 p.

CÂMARA, G. F. A formação do eu e o poder da psicanálise. **Cogito**, Salvador, v. 11, p. 20-25, out. 2010. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-94792010000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792010000100004&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 14 jun. 2018.

COSTA, J. F. **O Vestígio e a Aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. 242 p.

FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo**: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Obras completas Sigmund Freud, v. 12.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Obras completas Sigmund Freud, v.15.

FREUD, Sigmund. **O Eu e o Id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. Obras completas Sigmund Freud, v.16.

KEHL, M. R. O espetáculo como meio de subjetivação. **Concinnitas**, Rio de Janeiro, v. 01, n. 26, p. 71-85, jul. 2015. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/viewFile/20102/14422>. Acesso em: 17 jun. 2018.

KYRILLOS NETO, Fuad. Psicanálise e corpo na contemporaneidade. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL, 3.; CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL, 9., 2008, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos** [...], Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <[http://www.psicopatologiafundamental.org.br/uploads/files/iii\\_congresso/temas\\_livres/psicanalise\\_e\\_corpo\\_na\\_contemporaneidade.pdf](http://www.psicopatologiafundamental.org.br/uploads/files/iii_congresso/temas_livres/psicanalise_e_corpo_na_contemporaneidade.pdf)>. Acesso em: 14 jun. 2018.

206

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: LACAN, J. **Escritos Jacques Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 96-104.

LACAN, J. **O Seminário, livro 11**: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 279 p.

NASIO, J. D. **Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. 164 p.

SANT'ANNA, Denise. **Corpos de Passagem**: ensaios sobre a subjetividade contemporânea. Estação Liberdade: São Paulo, 2001. 127 p.

ZORZAN, F. S.; CHAGAS, A. T. S. Espelho, espelho meu, existe alguém mais bela do que eu?: Uma reflexão sobre o valor do corpo na atualidade e a construção da subjetividade feminina. **Barbaroi**, Santa Cruz do Sul, n. 34, p. 161-187, jun. 2011. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-65782011000100010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-65782011000100010&lng=pt&nrm=iso) . Acesso em: 14 jun. 2018.